

UMA PROPOSTA DE LEGENDAGEM PARA O ESPETÁCULO MIRALU E A LUNETAS ENCANTADA

Bruna Alves Leão*
Isabela Fernanda Macêdo Rangel**

RESUMO

A legendagem para surdos e ensurdecidos para o campo do teatro ainda encontra-se pouco explorada em nosso país. Visando, portanto, inserir a comunidade surda nos meios audiovisuais, este trabalho foi escrito com o objetivo geral de propor uma Legenda para Surdos e Ensurdecidos (LSE) para o espetáculo teatral infantil *Miralu e a Luneta Encantada*, tendo como objetivo específico observar alguns fatores que ocasionam a necessidade de utilização de estratégias de redução textual na elaboração de uma LSE para o teatro. A metodologia aplicada para a elaboração da legenda foi baseada nas pesquisas e nos estudos que vêm sendo desenvolvidos pelo grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), mais especificamente nas considerações de Araújo (2004, 2006, 2008, 2012), Assis (2016) e Nascimento (2018, 2013), bem como nos parâmetros trazidos pelo Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (ARAÚJO; CHAVES, 2016). Os resultados obtidos nesta pesquisa mostraram que fatores como a identificação dos falantes e a velocidade dos diálogos ocasionam, muitas vezes, a necessidade de reduzir o texto das falas. Contudo, é necessária a realização de testes que comprovem a eficácia das estratégias utilizadas de redução textual. Pudemos observar com este trabalho que as formas de redução e omissão textual são importantes para produzir legendas adequadas ao tempo de leitura do espectador-alvo, contribuindo assim para a apreciação de produtos audiovisuais como um todo.

Palavras-chave: Legenda para Surdos e Ensurdecidos (LSE); Teatro acessível; Surdos.

ABSTRACT

Subtitling for the Deaf and Hard of Hearing to the theater field is still little explored in our country. Aiming, therefore, to insert the deaf community in the audiovisual media, this work was written with the general aim of proposing a Deaf and Hard of Hearing Subtitle for the children's theater show *Miralu e a Luneta Encantada*. The specific objective is to observe some factors that cause the need to apply textual reduction strategies in the elaboration of the mentioned subtitles. The methodology applied for the elaboration of the subtitles was based on the research and studies that have been developed by the LEAD group (*Legendagem e Audiodescrição*) from the Ceará State University (UECE), on the main considerations of Araújo (2004, 2006, 2008, 2012), Assis (2016) and Nascimento (2018, 2013), as well as the

* Universidade Estadual do Ceará – UECE.

** Universidade Estadual do Ceará – UECE.

parameters brought by the *Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis* (ARAÚJO; CHAVES, 2016). The results obtained in this research showed that factors such as the identification of speakers and the speed of dialogues often lead to the need to reduce the length of the subtitles. However, tests are needed to prove the effectiveness of the textual reduction strategies used. We could observe with this work that the forms of reduction and textual omission are important to produce appropriated subtitles to the reading time of the target viewer, thus contributing to the appreciation of audiovisual products as a whole.

Keywords: Subtitles for the deaf and hard-of-hearing (SDH); Accessible theater. Text reduction. Omission.

Introdução

O presente trabalho, cujo tema trata das estratégias para a confecção da Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (doravante LSE) para a peça teatral *Miralu e a Luneta Encantada*, desenvolveu-se a partir da problemática que é a falta de acesso de pessoas com deficiência auditiva a produções de entretenimento, como o teatro. Historicamente, essas pessoas tendem a sofrer algum tipo de dificuldade ou mesmo exclusão social que as impede de participar igualmente da vida em sociedade.

Destacamos, assim, a LSE, como uma ferramenta capaz de viabilizar o acesso do público surdo e ensurdecido ao cinema e ao teatro. Nesse sentido, cabe salientar que o avanço das tecnologias já permite apresentar espetáculos teatrais legendados, inclusive em LSE. Outras formas de exibição de teatro acessível são a Libras¹ e a Audiodescrição².

Assim, o objetivo geral deste trabalho é propor uma LSE para vinte minutos do espetáculo *Miralu e a Luneta Encantada*, tendo como objetivo específico observar alguns fatores que ocasionam a necessidade de utilização de estratégias de redução textual na elaboração da LSE proposta para o espetáculo *Miralu e a Luneta Encantada*.

O presente artigo está organizado nas seguintes seções: Fundamentação Teórica; Parâmetros em LSE no Brasil, a qual apresenta os parâmetros técnicos utilizados nas produções de legendas brasileiras; seguida de uma seção intitulada Especificidades sobre LSE no teatro, que aborda de forma mais específica quais ajustes são feitos para que um espetáculo teatral seja legendado para o público surdo e ensurdecido; na seção intitulada A LSE de

¹ Língua Brasileira de Sinais

² “A audiodescrição é uma modalidade de tradução audiovisual, de natureza intersemiótica, que visa a tornar uma produção audiovisual acessível às pessoas com deficiência visual. Trata-se de uma locução adicional roteirizada que descreve as ações, a linguagem corporal, os estados emocionais, a ambientação, os figurinos e a caracterização dos personagens.” (ARAÚJO; CHAVES, 2016, p. 15)
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.3-24, 2019.

Miralu e a Luneta Encantada, apresentamos alguns detalhes sobre a peça em questão; por fim, temos a Metodologia; a Conclusão e as Referências.

I. Fundamentação teórica

Esta seção apresenta a fundamentação teórica que embasou esta pesquisa. Para tanto, nos referimos às pesquisas de Araújo (2004, 2006, 2008, 2012), Assis (2016) e Nascimento (2018, 2013), pesquisas em LSE do grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que, desde 2002, investiga a LSE em busca de parâmetros que permitam a produção e o consumo de legendas acessíveis ao público surdo brasileiro.

Os trabalhos de dissertação de mestrado de Assis (2016), Gabriel (2015) e Nascimento (2013) também contribuíram com o enriquecimento deste trabalho, acrescentando o embasamento teórico. Por fim, as pesquisas de Diaz-Cintas e Remael (2007) que, mesmo tratando de Legendagem para Ouvintes (LO), têm muito a contribuir com a Legendagem para Surdos e Ensurdidos e vêm sendo utilizadas como parâmetros para as pesquisas do LEAD/UECE.

Parâmetros em LSE no Brasil

Uma das modalidades da Tradução Audiovisual acessível (TAVa)³ é a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE), definida pelo Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis como

a tradução das falas de uma produção audiovisual em forma de texto escrito, podendo ocorrer entre duas línguas orais, entre uma língua oral e outra de sinais ou dentro da mesma língua. Por ser voltada, prioritariamente, ao público surdo e ensurdido, a identificação de personagens e efeitos sonoros deve ser feita sempre que necessário. (ARAÚJO; CHAVES, 2016, p. 16)

Quanto à sua classificação como tradução, dada pelo próprio Guia (ARAÚJO; CHAVES, 2016), é válido relacionar Jakobson (1995 *apud* ARAÚJO, 2008), que classifica a

³ Termo que relaciona “a interface texto-imagem, a relação entre informação verbal e não verbal, assim como as implicações destes tipos de informação para a tradução acessível e a acessibilidade universal aos meios de comunicação” (JIMENEZ HURTADO; RODRÍGUEZ; SEIBEL, 2010, p.19).
Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.3-24, 2019.

tradução em três tipos: interlinguística, intralinguística e intersemiótica. A tradução do tipo interlinguística tem o texto de partida e de chegada em línguas diferentes; a tradução intralinguística caracteriza-se pelos textos de partida e chegada na mesma língua; e a tradução intersemiótica refere-se ao texto de partida em meio semiótico diferente do texto de chegada.

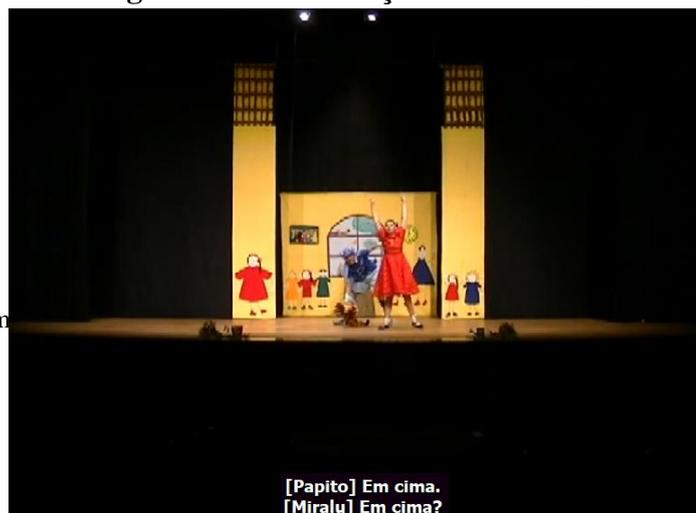
Nesse sentido, Assis (2016) correlaciona a LSE aos três tipos de tradução especificadas por Jakobson, uma vez que ela pode ocorrer do oral para o escrito quando ocorre na mesma língua, ou seja, intralinguística; ela também pode ocorrer de uma língua para outra, do oral para o escrito quando feita com base em versões dubladas, sendo, portanto, interlinguística; e intersemiótica, pois perpassa dois meios semióticos distintos quando os efeitos sonoros são traduzidos em forma de palavras nas legendas.

A LSE também se caracteriza por veicular a identificação de personagens. Ao início de uma fala, o nome do personagem que detém o turno é posto no início da legenda, entre colchetes (ARAÚJO, 2004). Quando há troca de turno, ou seja, quando outro personagem começa a falar, há novamente a sua identificação por meio dos colchetes, e assim, sucessivamente, todas as vezes em que há troca de turnos. A esse respeito, Nascimento (2013, p. 34) afirma que

a identificação dos falantes é importante, pois muitas vezes os surdos não conseguem inferir a troca de turno de fala somente pela imagem. Além disso, a presença de dois ou mais sujeitos ao mesmo tempo em cena, também pode dificultar a identificação de quem está falando. Nesses casos, a compreensão da obra audiovisual pelos surdos pode ficar comprometida. (ARAÚJO, 2004 *apud* NASCIMENTO, 2013, p. 34)

Dessa forma, as pessoas que não podem ouvir, poderão saber quem está falando, mesmo quando há mais pessoas em cena, ou quando o personagem que detém o turno de fala não está visível em cena. A seguir, apresento uma cena legendada do espetáculo *Miralu e a Luneta Encantada*. Nesta cena, é possível ver os personagens Papito e Miralu. Para identificá-los, seus nomes foram inseridos entre colchetes no início de cada fala.

Figura 1 – Identificação dos falantes



Transversal – Revista em

[Papito] Em cima.
[Miralu] Em cima?

Fonte: *Miralu e a Luneta Encantada* (2016)

Araújo e Chaves (2016) e Assis (2016) também assinalam como característica marcante da LSE a tradução de efeitos sonoros. A esse respeito, Nascimento (2013, p. 35-36) salienta a sua importância em uma obra audiovisual “na medida em que os componentes acústicos não verbais colaboram para a construção de sentido, pois sem eles, a construção do texto audiovisual perde um dos seus elementos significadores”. Ou seja, a tradução de efeitos sonoros é importante na LSE, porque pode contribuir com a compreensão da obra e se constitui como mais uma forma de tentar traduzir para o público surdo aquilo que ele não ouve, mas que tem importância no contexto da produção audiovisual. A tradução de efeitos sonoros geralmente é feita entre colchetes e colcheias podem ser usadas para traduzir músicas (NASCIMENTO, 2013).

É importante frisarmos, no entanto, que a LSE é diferente da Legendagem para Ouvintes e também difere do *Closed Caption*, duas modalidades de legendagem mais conhecidas no Brasil do que a LSE. A LSE se diferencia da Legenda para Ouvintes, justamente porque na LSE há “1) introdução de informações adicionais dependentes do canal auditivo para que aqueles com deficiência possam acompanhar filmes e programas de televisão; 2) questões técnicas; e 3) concepção de tradução.” (ARAÚJO, 2008, p. 60-61).

Já o *Closed Caption* é um sistema americano de legendas, comumente usado na TV brasileira e que transcreve integralmente todas as falas de uma produção audiovisual, podendo apresentar algumas edições em programas gravados, como filmes, por exemplo. Essa prática de transcrição é corroborada pela portaria nº 310 de 2016, que trata sobre recursos de acessibilidade no rádio e na TV para pessoas com deficiência. Essa portaria apresenta a definição de legenda oculta (também conhecido como *Closed Caption*), como “a transcrição, em língua portuguesa, dos diálogos, efeitos sonoros, sons do ambiente e demais informações que não poderiam ser percebidos ou compreendidos por pessoas com deficiência auditiva”, uma visão que “não reconhece o status de tradução na legendagem para surdos” (ARAÚJO; MONTEIRO; VIEIRA, 2013, p. 286).

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.3-24, 2019.

No Brasil, os tradutores que fazem a Legenda para Ouvintes usam softwares de legendagem, seguindo um padrão de, no máximo duas linhas de legendas, e com duração de até 4 segundos (ARAÚJO, 2008). Além disso, as legendas são condensadas e ajustadas a uma velocidade média (ARAÚJO, 2012). Isso acontece, porque “nem tudo o que está dito pode ser transcrito sob pena de o espectador não conseguir assistir confortavelmente ao filme ou programa, essas legendas são condensadas” (ARAÚJO, 2012, p. 4).

Com relação à velocidade média citada, Diaz-Cintas e Remael (2007) produziram pesquisas que relacionam o tempo de exibição ao número de caracteres. Essa relação resultou em velocidades que proporcionariam um tempo de exibição de legendas compatível com a capacidade de leitura dos espectadores (capacidade em termos de conseguir acompanhar as legendas por meio de sua leitura na velocidade em que ficam em exibição). O tempo de exibição das legendas, de acordo com a velocidade proposta, pode ser de 145, 160 e 180 palavras por minuto.

Assim, é válido mencionar a pesquisa “Legendagem para surdos: em busca de um modelo para o Brasil” do grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), feita com surdos em todo o Brasil, testando parâmetros de ouvintes com o público surdo, as quais apresentam como resultado que a velocidade de 145 ppm seria a ideal, pois permitiria aos surdos entender o conteúdo do filme e seus detalhes (ARAÚJO, 2012). No entanto, as velocidades de 160 e 180 também tiveram recepção eficiente pelo público em questão, assim como ocorreu na velocidade de 145 ppm. Por isso, a velocidade de 160 ppm foi escolhida para elaboração da legenda proposta neste trabalho, pois representa a velocidade média entre a mais baixa e a mais alta, representadas por 145 e 180 ppm, respectivamente.

Com relação ainda aos estudos desenvolvidos pelo LEAD, ao compararem testes feitos com o público surdo, aplicando os padrões de legendas exibidas pelos canais de televisão brasileiros, os resultados apontaram que “a maioria das legendas mostradas na TV são transcrições palavra por palavra e não estão em sincronismo com a fala e/ou imagem. Elas aparecem com um atraso de dois segundos.” (ARAÚJO; NASCIMENTO, 2011, p. 3).

Além disso, cabe acrescentar que

os padrões atuais exibidos pelos canais de televisão do Brasil precisariam de ajustes, e que a velocidade da legenda, a condensação e a edição seriam elementos-chave para permitir que espectadores surdos pudessem assistir confortavelmente a uma produção audiovisual legendada. (ARAÚJO; MONTEIRO; VIEIRA, 2013, p. 284).

Atualmente no Brasil, a pesquisa mais recente em LSE é a tese de doutorado de Nascimento (2018), cujo objetivo era convencionar legendas para efeitos sonoros e estabelecer algumas diretrizes para a tarefa de traduzir sons em palavras. Dentre os resultados obtidos por Nascimento (2018), está a sugestão de que existe a necessidade de qualificar a música de forma que caracterize a sua função no enredo em que surge, bem como que a tradução de efeitos sonoros pode contribuir para a compreensão de conteúdos fílmicos, caso seja considerada a função de cada som legendado. Na seção seguinte, falaremos um pouco sobre a LSE no teatro.

Especificidades sobre LSE no teatro

Como vimos, as pesquisas desenvolvidas no Brasil no campo da LSE baseiam-se, em grande parte, em estudos de âmbito internacional. De forma mais específica, as pesquisas em LSE realizadas no Brasil têm se voltado para a questão da segmentação (ASSIS, 2016; MONTEIRO, 2016; VIEIRA, 2016; GABRIEL, 2015; CHAVES, 2012; DINIZ, 2012), além da explicitação (SILVA, 2014) e da tradução de efeitos sonoros (NASCIMENTO, 2018 e 2013). Até onde sabemos, não há pesquisas no campo da LSE para o teatro sendo desenvolvidas ou concluídas no Brasil. Dessa forma, aproveitamos a oportunidade para reforçar a necessidade em se ampliar as pesquisas na área, uma vez que a ausência de interesse dos pesquisadores brasileiros pela LSE no teatro impede que possamos contribuir com o desenvolvimento da área e com o acesso do público surdo ao teatro.

Desse modo, tomamos o Guia de Acessibilidade ao Teatro – através da Legendagem e da Audiodescrição (RUIZ *et al.*, 2013), um trabalho espanhol elaborado com o objetivo de conferir acessibilidade aos espetáculos à pessoas com deficiência auditiva ou visual. O guia apresenta especificações importantes para apresentações teatrais legendadas e audiodescritas, que podem ser seguidas no Brasil, uma vez que o guia brasileiro não orienta sobre a inserção de LSE no teatro. A seguir, apresentamos os parâmetros trazidos pelo Guia espanhol quanto à Legendagem no Teatro.

Ruiz *et al.* (2013) ressaltam a importância da legendagem por viabilizar o acesso a conteúdos audiovisuais para pessoas surdas ou com deficiência auditiva, em igualdade de condições com relação aos ouvintes. “Portanto, a transmissão deste serviço é importante em

todas as áreas da cultura e, especialmente, no teatro para uma parte importante da sociedade” (RUIZ *et al.*, 2013, p. 42)⁴. Com destaque a dois elementos fundamentais envolvidos na produção da legendagem para o teatro, que são as características levadas em consideração no momento da produção das legendas e as características relativas à exibição das legendas no teatro, que diferem da exibição de legendas em outros contextos.

São apresentados diversos parâmetros para a elaboração de legendas para o teatro, dentre elas, a identificação de falantes, a entonação, músicas, tradução de efeitos sonoros, silêncios e intervalos dramáticos, pois “todos estes são elementos com grande carga dramática e devem ser incorporados nas legendas” (RUIZ *et al.*, 2013, p. 37)⁵ Inicialmente, as especificações versam sobre os diálogos, no sentido de que o tradutor tenha em mãos uma gravação em áudio ou em vídeo de uma apresentação completa do espetáculo para só então prosseguir com a sua legendagem. Esse processo de produzir as legendas anteriormente faz com que as legendas para o teatro sejam consideradas “semi-diretas”, pois são produzidas antes da transmissão do programa, no entanto, a sua sincronização se dá durante a própria transmissão, com intervenção humana.

Para a elaboração da nossa legenda, também tínhamos a disposição o roteiro da peça e, caso fôssemos exibir a legenda proposta em uma apresentação do espetáculo, a forma de exibição seria a “semi-direta”, conforme indicada pelo guia espanhol, com produção prévia e sincronização durante a própria apresentação teatral. No entanto, não seguimos os outros parâmetros abordados no guia espanhol e sim nas pesquisas do LEAD, que considera a LSE como uma tradução e não uma transcrição de todas as falas e sons, conforme o guia espanhol demonstra lidar com a legendagem no teatro.

A identificação de falantes no teatro deve seguir as mesmas técnicas de identificação usadas em outras áreas, como na televisão ou no cinema (RUIZ, *et al.*, 2013). A preferência espanhola é pela identificação por meio de cores. No entanto, a preferência brasileira é pela identificação de personagens entre colchetes e na cor amarela.

A entonação, ou recursos expressivos, refere-se à inclusão de informações contextuais, como “elementos que modulam a fala, sons vocais e indicadores de forma ou quantidade”

⁴ Tradução nossa para: “Por ello, la emisión de este servicio es importante en todos los ámbitos de la cultura y en especial en el teatro para una parte importante de la sociedad.”

⁵ Tradução nossa para: “todo ello son elementos con gran carga dramática y deberán ser incorporados en los subtítulos”.

(RUIZ, *et al.*, 2013, p. 43)⁶, e eles são considerados pelo guia espanhol como fundamentais para a compreensão do enredo das produções audiovisuais.

Já as músicas e canções devem ser consideradas quanto ao papel que desempenham na peça. Caso ajudem a entender a história, deve-se indicar, se possível, o tipo de música, a sensação que ela transmite, se é ao vivo e o seu autor. Em suas pesquisas sobre tradução de efeitos sonoros em LSE, Nascimento (2018, p. 181-182) afirma que é necessário “observar o que a música inserida em cada cena pretende passar e, assim, traduzi-la com a intenção de transmitir esse sentimento pela legenda”. Dessa forma, vemos que há compatibilidade nas concepções europeia e brasileira a respeito das músicas.

Com relação aos efeitos sonoros, “se considerará efeito sonoro o som realizado por qualquer pessoa ou coisa que apareça na obra audiovisual, tanto em cena como fora dela” (RUIZ, *et al.*, 2013, p. 44)⁷. Como as ações no teatro são figurativas, a representação do som completa a imagem, como por exemplo, no caso de um tiro com arma, apenas o som seria produzido e se não fosse legendado, seria como se não tivesse acontecido para o surdo.

No teatro, portanto, todos os efeitos sonoros que aparecem no trabalho, visíveis ou não ao espectador, devem ser legendados. Embora seja recomendado legendar todos os efeitos produzidos, eles devem sempre respeitar a intenção narrativa do trabalho e, portanto, devem transmitir a mesma informação que o conteúdo sonoro. Isso ocorre acima de tudo com aqueles sons que tentam transmitir tensão, medo, atraso de ação, etc. (RUIZ, *et al.*, 2013, p. 44)⁸

Apesar da importância da tradução dos efeitos sonoros na LSE que, como visto, complementa as imagens, e da recomendação de legendar todos os efeitos sonoros, mesmo aqueles produzidos até fora da cena, sabemos que a LSE não consiste em uma transcrição, mas sim em uma tradução na qual se faz necessário reduzir e condensar as informações para que seja possível obter legendas que possam ser lidas em tempo hábil também para observar as imagens. Assim, é preciso avaliar a importância desses sons no enredo das cenas, para decidir a sua inclusão ou não nas legendas. A esse respeito, Nascimento (2018) afirma que

⁶ Tradução nossa para: “los elementos que modulan el habla, los sonidos vocales e indicadores de la forma o la cantidad”.

⁷ Tradução nossa para: “Se considerará efecto sonoro al sonido realizado por cualquier persona o cosa que aparezca en la obra audiovisual, tanto en escena como fuera de ella.”

⁸ Tradução nossa para: “En el teatro por tanto se deben subtitular todos los efectos sonoros que aparezcan en la obra, sean visibles para el espectador o no. Aunque se recomienda subtitular todos los efectos que se producen, estos deben respetar siempre la intención narrativa de la obra y por ello deben transmitir la misma información que el contenido sonoro. Esto ocurre sobre todo con aquellos sonidos que intentan transmitir tensión, miedo, retardo de la acción, etc.”

apenas aquilo que é relevante para o enredo deve ser contemplado na legenda. No entanto, essa relevância pode mudar de acordo com o decorrer do filme. Isto é, em uma cena de ação, os diálogos e os sons com que os personagens interagem serão mais pertinentes, enquanto em uma cena de localização de cenários e personagens os sons de ambiente ganham relevância. (NASCIMENTO, 2018, p. 79)

Outro cuidado que o tradutor deve ter ao legendar os sons está no contraste entre a emissão do som e a sua recepção pelo público. Os autores do guia espanhol salientam que a legenda deve tentar expressar a emissão do som e não a sua recepção, a fim de evitar a subjetividade na transcrição do som. Os momentos de silêncio e pausas dramáticas, expressivas e relevantes nas apresentações teatrais, devem figurar nas legendas da forma mais despercebida possível, sem nenhum texto em tela (RUIZ, *et al.*, 2013).

Leão e Seoane (no prelo) recomendam que, para marcar longas pausas e momentos de silêncio, um slide em branco, sem qualquer texto escrito seja usado, nos casos em que o *Power Point* for usado para projetar as legendas. Assim, toda a atenção da plateia tende a se centrar nas ações das personagens.

Ainda em relação às características de produção da LSE para o teatro, os autores espanhóis apontam que os critérios editoriais devem seguir os padrões de legendagem de outros produtos audiovisuais (RUIZ, *et al.*, 2013). Os critérios editoriais seriam os parâmetros técnicos e linguísticos, como divisão de legendas respeitando pausas gramaticais, por exemplo. Aconselha-se fazer a divisão de legendas respeitando pausas gramaticais, sinais de pontuação, coincidindo o máximo possível com vírgulas e pontos, sem separar as sílabas de uma mesma palavra em duas linhas.

A esse respeito, as pesquisas do grupo LEAD apontam que a segmentação é um dos fatores mais importantes para a recepção eficiente das legendas, sobressaindo a critérios como o formato ou até mesmo a velocidade de uma legenda. A segmentação pode ser, além da linguística, como mencionada acima, também retórica (pautada pelo fluxo da fala, uma vez que quando há pausa, surge um nova legenda) ou visual (quando há cortes de cena, há uma nova legenda) (ARAÚJO, 2012).

Relativas às características de exibição das legendas no teatro, o modo preferido pelos usuários é o “modo aberto”, que se encontra disponível em uma parte do palco e visível a todo o público (RUIZ, *et al.*, 2013). Para tanto, é utilizada uma tela de projeção ou de LED, que se conecta ao sistema que envia as legendas. Exemplos de tela de projeção podem ser vistos a

seguir, nos quais as legendas são projetadas no próprio cenário, sobre uma tela preta, que pode ser de tecido ou de borracha.

Figura 2 – Projeção de legenda em tela no palco



Fonte: Ruiz et al., 2013, p. 60

Figura 3 – Projeção de legenda em tela sobre o palco



Fonte: Ruiz et al., 2013,p. 61

As projeções aqui apresentadas se assemelham ao proposto pelo grupo LEAD, o que podemos ver a seguir, em uma apresentação da peça *A Vaca Lelé*, em que é possível ver a projeção das legendas na tela. Esta apresentação contou com a LSE em tela e com dois intérpretes de LIBRAS, localizados à direita.

Figura 4 – Projeção de legenda em tela sobre o palco – cena do espetáculo “A Vaca Lelé”



Fonte: Legendagem no Teatro (no prelo)

O próximo exemplo ilustra uma situação em que um elemento do cenário foi utilizado para projeção das legendas.

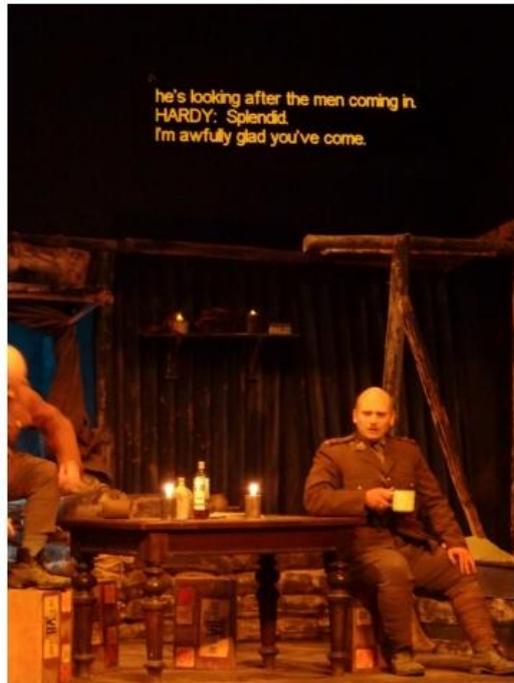
Figura 5 – Projeção de legenda em um elemento do cenário



Fonte: Ruiz et al., 2013, p. 61

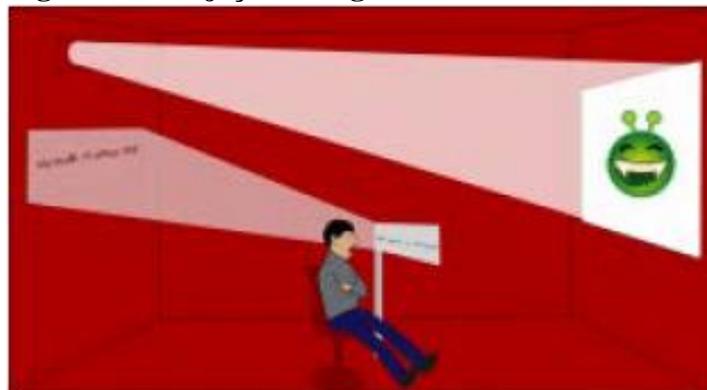
Já com relação à projeção das legendas em telas de LED, vistos a seguir, Ruiz *et al.* (2013) apontam que, dependendo da complexidade da tela e do dispositivo de controle, podem ser exibidos caracteres, textos, imagens ou até mesmo vídeos.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.3-24, 2019.

Figura 6 – Projeção de legenda em tela de LED

Fonte: Ruiz et al., 2013,p. 63

Esses foram exemplos do modo aberto de exibição das legendas no teatro. Graças ao advento tecnológico, já é possível oferecer também o modo fechado de exibição das legendas, no qual o espectador escolhe se quer ou não visualizar as legendas. Para tanto, existe o *Rear Window*, que utiliza um método de visualizar as legendas de forma espelhada. A partir de um display de LED, as legendas são exibidas em um painel plástico que reflete, de forma espelhada, as legendas apenas para a pessoa que optou em vê-las.

Figura 7 – Projeção de legenda no sistema Rear Window

Fonte: Ruiz et al., 2013,p. 65

Outra forma de visualização das legendas por tela de LED é utilizando o sistema CaptiView. O aparelho pode ser encaixado no porta-copo ou no assento e em sua pequena tela exibe as legendas que são captadas via frequência de rádio. Nesse sistema, apenas a pessoa que optou por ele, visualiza as legendas.

Figura 8 - Projeção de legenda no sistema CaptiView



Fonte: Ruiz et al., 2013, p. 66

Mais um exemplo de exibição de legendas em tela de LED é o sistema UC3MTitling. Sua tecnologia permite a legendagem em tempo real, mesmo em eventos ao vivo, desde que baseados em um roteiro pré-estabelecido, como no caso do teatro, por exemplo, ou conferências, cerimônias e outros casos. Ele permite a projeção em múltiplos dispositivos, como *smartphones*, *tablets* e até mesmo óculos, a partir da sincronização semiautomática das legendas.

Figura 09 - Projeção de legenda no sistema UC3MTitling



Fonte: Ruiz et al., 2013, p. 67

Figura 10 - Projeção de legenda no sistema UC3MTitling com óculos



Fonte: Ruiz et al., 2013, p. 70

Demais aspectos como potência requerida pelo projetor, sua localização no teatro, distância até a tela de projeção, brilho, contraste, resolução e sistema de envio das legendas à tela de projeção são discutidos pelo guia espanhol e devem ser testados, a fim de contribuir com as pesquisas e ações de acessibilidade no teatro no Brasil.

Metodologia

O espetáculo teatral infantil *Miralu e a Luneta Encantada* é uma adaptação livre de Fernando Lira⁹, a partir do conto de Joaquim Manuel de Macedo, *A Luneta Mágica*. O espetáculo apresenta a história de uma menina cujo maior sonho era poder enxergar. Vivendo com seu Tio Lucrécio, Tia Carola, o primo Papito e seu inseparável boneco Neco, Miralu vê o seu desejo de poder enxergar virar realidade graças a uma luneta mágica que lhe empresta o poder de ver. O presente dado por Mestre Magolino e seu ajudante Lunático só pode ser usado por, no máximo, sete segundos. Caso passasse desse tempo, a menina poderia ver a maldade das pessoas. A peça aborda, de forma lúdica, o poder que todos nós temos de ver com o coração, independentemente de quaisquer deficiências sensoriais que possamos ter.

⁹ Fernando Lira é professor de Artes Cênicas, mestre em Comunicação e Semiótica e já foi contemplado quatro vezes com o programa BNB de Cultura para produção e publicação de textos dramaturgicos de sua autoria. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.3-24, 2019.

Para produzir a legenda, utilizamos uma gravação do espetáculo disponibilizada no YouTube em 2016¹⁰, com 49 minutos de duração e 13 cenas ao todo. Em razão do pouco tempo disponível para a execução de todo o trabalho, não seria possível legendar todo o espetáculo. Portanto, optamos por legendar vinte minutos da peça, e nove de suas cenas, distribuídas em início e meio do espetáculo. A escolha das cenas a serem legendadas se baseou na qualidade de som, para que pudessemos entender o que estava sendo dito. Dessa forma, obtivemos um total de 488 legendas.

Produzimos a legenda seguindo os parâmetros técnicos, linguísticos e tradutórios apresentados no Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (ARAÚJO; CHAVES, 2016), que incluem a tradução de efeitos sonoros e a identificação de falantes, características essenciais da LSE. A velocidade utilizada foi de 160 palavras por minuto. Essa velocidade foi escolhida por ser um tempo médio entre as outras velocidades existentes, que são de 145 e 180 palavras por minuto.

Para a confecção da legenda, utilizamos o programa *Subtitle Workshop*¹¹, um editor de legendas disponível gratuitamente para download na *internet*. Ele permite a inserção de legendas e a marcação do tempo de entrada e saída das mesmas. Assim, é possível visualizar a quantidade de caracteres por legenda e o tempo de exibição delas, tornando possível padronizar uma velocidade constante de exibição que esteja de acordo com a velocidade de leitura do espectador.

Com o roteiro da peça em mãos, demos início ao processo de legendagem da peça. Já tendo estabelecido a velocidade, marcamos o tempo de início e de fim de cada legenda, utilizando o *Subtitle Workshop*, ou seja, delimitamos o momento em que cada legenda deveria surgir e desaparecer da tela, tentando sincronizar com os movimentos de fala dos personagens. Para cada legenda confeccionada, obedecendo ao padrão de 160 ppm, inserimos cerca de 25 caracteres para uma legenda com pouco mais de um segundo de exibição. Por isso, foi preciso fazer diversos ajustes no texto original. Como era preciso inserir a identificação do falante entre colchetes, a cada vez que houvesse troca de turno, o espaço para inserir as próprias falas dos personagens ficava reduzido. Portanto, foi preciso lançar mão das estratégias de redução textual, um recurso que permite diminuir a densidade textual das legendas.

¹⁰ https://www.youtube.com/watch?v=q0OpAA_QTjI&t=2254s

¹¹ Versão 2.51

Caso a quantidade de caracteres usados em uma determinada legenda excedesse o limite máximo, verificávamos se havia possibilidade de quebrar a legenda, separando-a em duas linhas ou em legendas diferentes. Se ainda assim houvesse excesso de caracteres, a estratégia a ser utilizada era a de excluir o que fosse menos relevante, como por exemplo alguns vocativos, adjetivos e advérbios. O cuidado que tomamos aqui era para que o texto como um todo não ficasse sem sentido, nos valendo, principalmente, de cenas em que o recurso visual fosse suprir eventuais faltas no texto. No entanto, em alguns casos não era necessário ou possível fazer a exclusão total de algumas palavras ou expressões. Assim, utilizamos a estratégia da condensação, trocando as expressões por sinônimos, utilizando dêiticos ou simplificando perífrases verbais, por exemplo. Mais uma vez era preciso tomar cuidado para que as legendas não ficassem sem sentido em relação ao todo e às cenas em exibição.

Como se refere a uma legenda para o teatro, o aspecto da tradução de efeitos sonoros também foi considerado, pois os efeitos sonoros da peça figuram como parte importante para a própria construção de sentido da mesma – caso ele não fosse traduzido, o público-alvo poderia ter a compreensão do espetáculo prejudicada, se não de forma geral, mas de parte dele. Os efeitos sonoros incluem não só as músicas, mas também sons de risadas, palmas e sons de animais, por exemplo. A peça tem momentos em que os personagens cantam, falam onomatopeias e que uma trilha sonora é usada para dar tônica a momentos de tensão. Esses efeitos sonoros foram legendados entre colchetes, como quando toca um celular, ou em itálico, para quando eles cantam uma música, com a finalidade de que o espectador pudesse entender que se trata da descrição ou identificação de um momento sonoro.

Tomamos o cuidado de tentar traduzir os sons de acordo com a função que tinham dentro do contexto de cada cena, como quando os personagens são observados por Miralu através da Luneta e eles passam a falar com o tom de voz sombrio. O tom da música que toca nesses momentos dá o tom da tensão e tem a função de fazer que tanto o espectador quanto Miralu entendam que o personagem vai falar como se fosse um vilão.

Caso fôssemos utilizar a legenda proposta em uma seção de apresentação da peça, seria possível exibi-la via *data show*, usando projeção de *slides*. A legenda seria transposta ao *Power Point* e cada uma seria apresentada em um slide. As pausas e os momentos de silêncio da peça também seriam representados em *slides* em branco, sem nenhum tipo de texto escrito.

Quanto às questões linguísticas, que se referem à segmentação, redução da informação textual e identificação de falantes e a tradução de efeitos sonoros, procuramos fazer uma boa segmentação, fazendo as quebras entre linhas e entre legendas, respeitando o mais alto nível sintagmático, sem dividir os sintagmas e seu núcleo especificador e complementador. Além disso, a identificação de falantes e a tradução de efeitos sonoros também foram feitas, contribuindo para a legenda proposta se caracterizar como uma LSE.

Discussão dos resultados

A escolha por *Miralu e a Luneta Encantada* se deu em razão do acesso viabilizado pelo YouTube à gravação de uma das apresentações da peça, cuja personagem principal é interpretada por uma das autoras deste trabalho, professora Bruna Alves Leão¹². Propor esta legenda também seria uma forma de contribuir com a acessibilidade do público surdo infantil ao teatro (já que se trata de um espetáculo infantil), bem como uma forma de contribuição aos estudos da área da LSE para o teatro.

Ao elaborar esta proposta de LSE, foi necessário incorrer a diversas estratégias de redução textual para que conseguíssemos produzir uma legenda aceitável quanto aos parâmetros da LSE. A identificação dos falantes foi um dos principais fatores que ocasionaram a necessidade de reduzir o texto original nas legendas, pois sempre tínhamos, no mínimo, dois personagens em cena, sem falar nas cenas em que tínhamos todos os personagens. Fazer essa identificação consumiu muitos caracteres das legendas, principalmente quando havia troca de turnos. Apesar disso, sabemos que esse recurso é uma das necessidades do público-alvo da LSE, uma vez que é através da identificação de falantes que o surdo poderá saber quem está falando, principalmente quando o personagem não estiver visível em cena. Como já verificado nas pesquisas do grupo LEAD, a identificação de falantes entre colchetes é a preferência do público em questão, embora talvez seja possível pensar uma alternativa que não consuma os caracteres disponíveis às falas em si.

Um segundo fator que acarretou em reduções foi a velocidade dos diálogos. Em muitos momentos do espetáculo, os personagens falavam muito rápido, trocando de turnos e complementando as falas uns dos outros. Isso gera uma alta densidade de palavras no texto

¹² Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará, tradutora, audiodescritora e atriz. Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.3-24, 2019.

original, que na maioria das vezes não se adéqua ao tempo disponível para sua exibição e, por conseguinte, leva à necessidade de reduzir o texto.

No caso desta peça, a rapidez com que os atores falavam e trocavam de turnos, se complementando, fosse, talvez, um dos recursos cômicos da apresentação e nas legendas tivemos que mostrar isso de alguma forma. Assim, a redução textual se mostrou uma aliada, bem como uma atividade prazerosa nessa busca de produzir uma LSE que transmitisse, de certo modo, a ludicidade da peça. Sem esquecer o desafio que é, para o tradutor, retextualizar, em certa medida, o texto de um espetáculo teatral pensando em formas de legendar com palavras mais curtas, ou com menos caracteres, mas respeitando as características do texto e do espetáculo.

Por fim, um aspecto muito interessante das apresentações teatrais que são ao vivo e que podem afetar, de certa forma, as legendas, é que, às vezes, os personagens podem desviar-se um pouco do roteiro, errar algumas falas, trocar a ordem ou até deixar de falar algumas falas. Além disso, as falas são carregadas de marcas da oralidade, como expressões regionais, falas truncadas e hesitações, por exemplo. Esses aspectos ocorrem com mais força em produções ao vivo do que nas gravadas e exigem do legendista uma atenção ainda maior. Cabe destacar que é fundamental realizar testes antes da exibição das legendas em uma seção teatral real.

Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo geral propor uma LSE para o espetáculo *Miralu e a Luneta Encantada*; e como objetivo específico, observar alguns fatores que ocasionam a necessidade de utilizar estratégias de redução textual na elaboração de uma LSE. Ao construir a nossa proposta de LSE, vale dizer, ao cumprir com o objetivo geral, observamos que, por vários fatores, era preciso recorrer a formas de reduzir o texto, fosse por omitir algumas partes das falas ou mesmo reduzi-las, condensando-as. No caso dessa pesquisa, os fatores mais observados que ocasionaram essas reduções foram a identificação dos falantes e a velocidade em que ocorriam os diálogos.

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a elaboração de uma proposta de LSE para o espetáculo mencionado. A legenda foi feita a partir do vídeo disponibilizado no YouTube de uma das apresentações da peça no ano de 2016, que foi baixado e legendado com Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.3-24, 2019.

o auxílio do *software Subtitle Workshop 2.51*. Acreditamos que os vinte minutos que foram legendados ofereceram o aporte necessário para que pudéssemos testar os parâmetros preconizados pelo Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis (ARAÚJO; CHAVES, 2016) e pelo LEAD, embora testes sejam necessários, a fim de comprovar a eficácia com o público-alvo do material produzido.

A realização desta pesquisa pode, de certa forma, contribuir para o público-alvo da LSE desse tipo de espetáculo, uma vez que verificamos que a necessidade da redução textual na LSE é essencial, pois sem ela o que há, na verdade, é uma transcrição das falas. Portanto, afirmamos que a redução textual é um meio eficaz de produzir legendas adequadas ao tempo de leitura do espectador e, nessa perspectiva, propomos mais reflexões sobre o assunto, bem como o desenvolvimento de mais pesquisas em LSE para o teatro. Além disso, indicamos a possibilidade de pesquisas de recepção a fim de verificar os dados aqui apresentados e também o desenvolvimento de pesquisas sobre os elementos prosódicos das falas.

Referências

ARAÚJO, V. L. S.; CHAVES, E. G. Orientações para elaboração da legenda para surdos e ensurdecidos (LSE). In: NAVES, S. B.; MAUCH, C.; ALVES, S. F.; ARAÚJO, V. L. S.; **Guia para Produções Audiovisuais Acessíveis**. Brasília: Ministério da Cultura/Secretaria do Audiovisual, 2016. cap. 5, p. 41-76. Disponível em: <<https://grupoleaduece.blogspot.com/p/guia-para-producoes-audiovisuais.html>. Acesso em 14/09/2018>. Acesso em: 14 set. 2018.

ARAÚJO, V.; MONTEIRO, S.; VIEIRA, P. Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE): Um estudo de Recepção com Surdos da Região Sudeste. **TRADTERM**, v. 22, pp. 283-302, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/69132>>. Acesso em: 14 set. 2018.

ARAÚJO, V. L. S.; NASCIMENTO, A. K. P. Investigando parâmetros de legendas para surdos e Ensurdecidos no Brasil. In: FROTA, M. P.; MARTINS, M. A. P. (orgs.). **Tradução em Revista**, 2011, v. 2, p. 1-18.

ARAÚJO, V. L. S. Relatório Técnico Final: Projeto Moles - Legendagem para surdos: em busca de um modelo para o Brasil. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2012. 44p.

_____. In Search of SDH Parameters for Brazilian Party Political Broadcasts. In: **The Sign Language Translator and Interpreter**, Manchester: St. Jerome Publishing Company, v. 3, n. 2, p. 157-167, 2009.

_____. Por um modelo de legendagem para surdos no Brasil. **Revista Brasileira de Tradutores**. Nº. 17, pp. 59-76, set. 2008. Disponível em: <<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/traducom/article/view/2084/1984>>. Acesso em 14 set. 2018.

_____. “O processo de legendagem no Brasil”. Revista do GELNE, Fortaleza, vol. 1/2, num. 1, 2006, p. 156 – 159. Disponível em < http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no1_39.pdf > Acesso em 03 Out. 2018

_____. Closed subtitling in Brazil. In: ORERO, P. (org.). **Topics in Audiovisual translation**. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, v. 1, p. 199-212, 2004.

ASSIS, I. A. P. **Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): análise baseada em corpus da segmentação linguística em amor eterno amor**. 2016. 106 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, 2016. Disponível em: < http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Disserta%C3%A7%C3%A3o_%C3%8Dtalo%20Alves.pdf.pdf>. Acesso em 14 set. 2018.

DÍAZ CINTAS, J.; REMAEL, A. The Linguistics of Subtitling. In:_____. **Audiovisual Translation: Subtitling**. Manchester, UK, Kinderhook, N Y, UK: St. Jerome Publishing, 2007. pp. 144-183.

GABRIEL, M. H. C. **Problemas de segmentação linguística na Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) de “Cheias de Charme”**: uma análise baseada em *corpus*. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, 2015. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2696203#>. Acesso em 04 out. 2018.

LEÃO, B. A; SEOANE, A. F. **Legendagem no Teatro**. No prelo. 2018. 94p.

MIRALU e a Luneta Encantada. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=q0OpAA_QTjI&t=2254s>. Acesso em: 04 out. 2018

NASCIMENTO, A. K. P. **Convencionalidade nas legendas de efeitos sonoros na legendagem para surdos e ensurdidos (LSE)**. 2018. 241f. Tese (Doutorado em XX) – Departamento de Letras Modernas, Programa de Pós-graduação em Estudos da tradução, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-31072018-164135/en.php>>. Acesso em: 04 out. 2018.

_____. **Linguística de corpus e legendagem para surdos e ensurdidos (LSE): uma análise baseada em corpus da tradução de efeitos sonoros na legendagem de filmes brasileiros em DVD**. 2013. 109f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2013. Disponível em: < <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Anakatarinnapessoadonascimento.pdf>>. Acesso em 04 de out. 2018.

Transversal – Revista em Tradução, Fortaleza, v.5, n.9, p.3-24, 2019.

RUIZ, B.; QUINTANA, I.; GARCIA CRESPO, Á.; de CASTRO, M.; SOUTO, M.; GONZÁLES, I.; LÓPEZ, J. L.; HEREDIA, J.; SÁNCHEZ PENA, J. M. **Guía de accesibilidad al teatro a través del subtítulo y la audiodescripción**. Madrid, Real Patronato sobre Discapacidad, 2013. 177p.